

**O RIO URUGUAI COMO ATOR TERRITORIAL: ELEMENTOS “NÃO-HUMANOS” NO PLANEJAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS.****EL RÍO URUGUAY COMO ACTOR TERRITORIAL: ELEMENTOS “NO HUMANOS” EN LA PLANIFICACIÓN DE POLÍTICAS PÚBLICAS****THE URUGUAY RIVER AS A TERRITORIAL ACTOR: “NON-HUMAN” ELEMENTS IN PUBLIC POLICY PLANNING**

Recebido em: 22/10/25

Aceito em: 02/11/25

Publicado em: 02/07/2026

Alex Sander Barcelos Retamoso<sup>1</sup>  
Universidade Federal do Pampa

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo propor reflexões acerca da importância de incluir os atores “não humanos” no planejamento urbano/regional, bem como a influência destes atores para o desenvolvimento territorial. O texto apresenta um ensaio teórico sobre elementos que auferem grave importância dos referidos atores para o contexto contemporâneo marcado pelas mudanças climáticas no planeta. Especificamente o texto destaca a compreensão das dinâmicas do rio Uruguai para o planejamento estratégico territorial das regiões ao seu entorno utilizando o conhecimento ancestral de comunidades ligadas ao referido rio.

**Palavras-chave:** Não-Humanos; Rio Uruguai; Desenvolvimento Territorial.

**Resumen:** Este estudio busca proponer reflexiones sobre la importancia de incluir actores no humanos en la planificación urbana/regional, así como su influencia en el desarrollo territorial. El texto presenta un ensayo teórico sobre los elementos que dan lugar a la importancia crucial de estos actores en el contexto contemporáneo marcado por el cambio climático global. Especificamente, el texto destaca la comprensión de la dinámica del río Uruguay para la planificación territorial estratégica de sus regiones circundantes utilizando los conocimientos ancestrales de las comunidades vinculadas a el río.

**Palabras-chaves:** No Humanos; Río Uruguay; Desarrollo Territorial.

**Abstract:** This study aims to propose reflections on the importance of including "non-human" actors in urban/regional planning, as well as their influence on territorial development. The text presents a theoretical essay on elements that give rise to the critical importance of these actors in the contemporary context marked by global climate change. Specifically, the text highlights the importance of understanding the dynamics of the Uruguay River for strategic territorial planning in the regions surrounding it, utilizing the ancestral knowledge of communities connected to the river.

**Keyword:** Non-Humans; Uruguay River; Territorial Development.

---

<sup>1</sup> Graduado em Administração de Empresas pela Universidade da Região da Campanha, URCAMP. Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Doutor em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Colaborador Voluntário do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Pampa. Participa da equipe de coordenação do projeto de extensão Geoparque Raízes de Pedra (IFAR e UNIPAMPA). E-mail: alexretamoso@unipampa.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3963-5527> Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0901618842564347> Brasil, Rio de Grande do Sul, São Borja.

## INTRODUÇÃO

Historicamente as divisões entre soberanias, cidadanias e linguagens estabeleceram clivagens entre os atores humanos, destas clivagens surgem as divisões geográficas, políticas, culturais e territoriais, às quais, dão a impressão que estas divisões foram influenciadas exclusivamente por atores humanos.

Ao registrar a história em primeira pessoa, os homens tecem a narrativa de seus feitos a partir do seu olhar particular, de modo que as narrativas passadas solidificam conceitos que devido a sua complexidade carecem de olhares críticos e meticulosos para sua devida compreensão. François Hartog, em seu extenso ensaio sobre Heródoto, nos chama atenção para a importância do discurso como narrativa da verdade, ou seja, o discurso como espelho e não como lente, ao aceitar que na obra do conhecido “Pai da história” as fábulas criadas pela mente humana acaba sendo a representação do tempo humano, então as memórias se solidificam. Para o autor, que se utiliza da hermenêutica para a análise da obra de Heródoto, significa dizer que a validade do discurso é auferida como uma imitação da realidade representada, pois, “Eis, pois, que, com relação às Histórias em si mesmas, o espaço do discurso se apresenta como decalque fiel do espaço concreto (o discurso imita o mundo), valendo o discurso como representação do mundo” (Hartog, 2014, p.379).

A solidificação destas memórias, ao mesmo tempo identitárias e territoriais, se manifesta nas práticas e manejos imbricados nas atividades humanas sob o sol, a forma como os homens se relacionam com outros elementos não-humanos é um exemplo disso.

Ocorre que, mesmo que todas as ciências pertençam ao panteão das obras humanas, e a ele pertença o monopólio da lente de análise, o homem não é o único ator capaz de interferir na realidade dos territórios, há outros agentes a interferir neste contexto, mesmo que estes não tenham um “discurso” próprio, são preponderantes na teia da realidade, o ecossistema do planeta terra é um destes atores, e com ele todos os elementos, que de uma maneira ou de outra são agentes incontestáveis nos territórios onde existem, são os atores “não-humanos”.

Dentre estes atores “não-humanos”, destaca-se, neste artigo, a partir do olhar das ciências sociais, a discussão do lugar que os “não-humanos” ocupam no contexto atual e qual sua importância frente às mudanças climáticas? Para isso, buscou-se analisar um destes atores territoriais, o rio Uruguai, a partir de dados coletados durante minha tese de doutorado entre os anos de 2017 e 2021.

## HUMANOS VERSUS NÃO-HUMANOS: O DISCURSO DE QUEM?

Toda ciência é humana, pois é a nós dirigida, seja como metodologia de pesquisa/explanação ou e transmissão de informações necessárias para o entendimento do que se é exposto, seja como for, a postura de observador que o cientista apresenta advém do papel de observador/descritor que nossas tradições nos impõe, não obstante, são inúmeros os limites da pesquisa humana sobre os elementos não-humanos, dentre eles a incapacidade de se colocar no lugar do outro, quando este outro é não-humano. Como é ser um rio? Como um rio percebe o seu entorno?

Para a pesquisadora da University of British Columbia, Juanita Sundberg, que pesquisa a fronteira entre os Estado Unidos da América com o México, é preciso compreender os “não-humanos” como atores nos processos territoriais, para isto, a autora utiliza a ecologia política pós-humanista para defender a ideia de que os desertos os rios e outros “não-humanos” flexionam perturbam e obstruem as práticas diárias de fronteira e fiscalização o que levam os atores estatais a solicitar mais financiamento para a execução do controle fronteiriço, assim, para Sundberg:

To elaborate this argument and methodological approach, I engage my research on the political ecology of U.S. border security. Specifically, I present two scenarios from fieldwork in national wildlife refuges located along the southern border of Arizona and Texas. I turn first to southern Arizona to address the question of who counts as an actor in border security operations. I do so by highlighting the ways in which the Sonora Desert inflects, disrupts, and obstructs the daily practices of boundary enforcement, thereby compelling state actors to call for more funding, infrastructure, boots on the ground, and technology. I then move to south Texas and address the question of agency by showing how two small felines gathered with other actors in ways that compelled the Border Patrol to change border security operations. As these scenarios suggest, taking nonhumans seriously as actors alters explanations for the escalation of U.S. enforcement strategies (Sonderberg, 2011, p. 319).

Ainda para Juanita, sua perspectiva avança em uma abordagem ontológica relacional que enquadra o humano e “não-humano” como mutuamente constituídas em e através de relações sociais, para a autora uma abordagem relacional recusa-se a tratar o humano como um dado ontológico, o privilegiado, se não o único ator da consequência:

(...) work on companion species, for instance, enacts a relational ontology through stories of “co-habitation, co-evolution, and embodied cross-species sociality” between people and dogs. In such tales, “the partners do not preexist their relating; all that is, is the fruit of becoming with” (Haraway 2008, 17, emphasis added). From this perspective, sociality—socio-political relations—is understood as constituted in and through encounter and association between what Haraway (2008, 5) calls “ordinary

knotted beings” that “gather up those who respond to them into unpredictable kinds of ‘we.’” (Sonderberg, 2011, p. 319).

Para a Juanita, cuja proposta de análise é como desertos, rios e felinos influenciam, interrompem e obstruem práticas de atores estatais presentes na fronteira estudada, é preciso levar os atores “não humanos” a sério, pois, são atores estratégicos e de extrema importância para os territórios onde estão presentes.

Como exemplo disso, a autora esclarece sobre os investimentos e recursos dispendidos, principalmente pelo governo norte americano em pessoal administrativo e de segurança, bem como em equipamentos de segurança, monitoramento, além de VANTS (drones equipados) e outros elementos utilizados para mitigar os efeitos das ações provocadas por estes atores “não-humanos” no território.

Outro autor que aborda a importância de incorporar os atores “não-humanos” à lógica do pensamento contemporâneo é o antropólogo francês Philippe Descola, (Descola, 2017, p.18), que, propõem o debate sobre uma antropologia da natureza, onde outros seres possam fazer parte do arquétipo de desenvolvimento que leve em conta os prejuízos e consequências que sofrem pela ação humana:

La segunda diferencia entre la época de Humboldt y ahora, a pesar de que él formuló críticas tempranas a los estragos del colonialismo ibérico, es que una pequeña porción de la humanidad se apropió del planeta Tierra y lo devastó para asegurar lo que considera su bienestar, en detrimento de una multitud de otros seres, humanos y no humanos, que pagan día tras día las consecuencias de esta codicia. Así, la humanidad en general no originó el Antropoceno, sino un sistema, un modo de vida, una ideología, una manera de darle sentido al mundo y a las cosas, que sedujeron y se extendieron cada vez más y de las cuales es necesario entender sus particularidades si queremos acabar con aquél y cambiar de rumbo para intentar evitar algunas de sus consecuencias más dramáticas (Descola, 2017, p. 18).

Para Philippe Descola, o período em que vivemos, o antropoceno, que é um sistema ideológico, um modo de vida, uma maneira de dar sentido a tudo que vemos. Ocorre que, as consequências da exploração humana do planeta, agravadas com as mudanças climáticas, vêm demonstrando que o descaso com atores “não-humanos” acaba por agravar ainda mais os eventos climáticos como é o caso da relação com os rios, pelas secas e as enchentes:

Por otra parte, para enfrentar la emergencia del cambio climático, ahora tenemos que aprender y propagar la idea todavía nueva de que nuestro destino no se limita a un enfrentamiento más o menos hostil entre los humanos y la naturaleza por medio de la técnica, como la tradición moderna quiso hacernos creer, sino que depende totalmente

de los billones de acciones y retroacciones por las cuales engendramos cotidianamente las condiciones medioambientales que nos permiten habitar el planeta Tierra (Descola, 2017, p. 24).

Ao não incluir os “não-humanos” no planejamento de políticas públicas territoriais, corre-se o risco de que estas ações não tenham o efeito desejado, e sejam ineficazes diante de bruscas alterações no comportamento destes atores. Um dos exemplos desta relação são as regiões em que existem grandes rios, pois o rio é um ator que molda as ações no território em que passa, foi o que ocorreu com as cheias e transbordamentos dos rios nos últimos anos, a falta de ações prévias para o enfrentamento das mudanças dos ciclos hídricos, que já se sabiam eminentes, não surtiram o efeito desejado pelo planejamento.

O Estado do rio Grande do Sul, no ano de 2024, ficou marcado pelas grandes enchentes e enxurradas que devastaram áreas que nunca antes haviam sido afetadas pelas subidas repentinas do nível dos rios urbanos, contudo, com o aumento da intensidade das mudanças climáticas e dos ciclos hídricos estão interferindo de maneira dramática nestas áreas, a discussão parafraseando o poeta Samborjense Mário Barbará “Mas o que foi! Nunca mais será!”, os modelos passados de previsão já não dão conta de traduzir a velocidade e intensidade das mudanças climáticas atuais, precisamos de novas observações, novos modelos, novos estudos que incluam os elementos “não-humanos” no planejamento de políticas públicas territoriais.

### **UM RIO TRANSFRONTEIRIÇO: QUEM É O RIO URUGUAI?**

O Rio Uruguai faz parte de um sistema hídrico, juntamente com o Rio Paraná e o Rio Paraguai, que drena águas de áreas de países como Brasil, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Estes rios desembocam juntos no Estuário do Prata, e formam o chamado Rio da Prata, muito mencionado entre os exploradores dos séculos XVII e XVIII, e com importância estratégica para a logística hidroviária da região por séculos e que, pela importância, dá nome ao país Argentina (Argentum em latim).

Para García e Vargas (2009, p.290), a Bacia Hidrográfica do Rio da Prata é a segunda maior na América do Sul em vazão média e área de drenagem, perdendo apenas para a Bacia Amazônica. Também é a quinta maior bacia hidrográfica do mundo em termos de área de drenagem, drenando aproximadamente três milhões de quilômetros quadrados em cinco países na América do Sul: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai:

La Cuenca del Plata es una de las más importantes del mundo, tanto por su extensión como por sus características socioeconómicas. Es un área de más de tres millones de

DOI: <https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.485>

ISSN: 2447-0244

kilómetros cuadrados, habitada actualmente por más de 110 millones de personas y produce más del 70% del PBI de los cinco países que la integran. (Comité Intergubernamental Coordinador de Los Países de La Cuenca Del Plata, 2017, p. 13).

O rio Uruguai tem grande influência cultural e material na fronteira, seja com territórios internacionais, seja em território nacional, pois divide tanto fronteiras políticas internas e externas, suas subidas de nível repentinas, conhecidas como cheias, e a escassez hídrica, conhecida como seca, impactam diretamente a população ribeirinha, pois a região possui pouco índice de ocupação urbana o que torna as enchentes de pouca comoção pública, pois, acomete a uma população específica, que, parece ter pouco ou nenhuma representação midiática:

Como características principais, o Rio Uruguai possui uma baixa capacidade de armazenamento, o relevo acidentado no trecho alto da Bacia, trecho mais plano na região da Campanha Gaúcha, com solo pouco profundo, o que faz com que ele escoe em leito rochoso. Isso implica em inundações nas áreas ribeirinhas, nos períodos de precipitações intensas. Do mesmo modo, quando ocorrem períodos de estiagens, há uma dificuldade para garantir o atendimento das demandas. Por ter um regime de chuvas variado, dificulta o planejamento da utilização da água na Bacia (Retamoso, 2021, p. 32).

#### IMAGEM 1 - PONTE INTERNACIONAL DA INTEGRAÇÃO NA SECA DE 2020



**Fonte:** Confins [Online] Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5936>.

Ocorre que, em 2024, os demais rios do Rio Grande do Sul, também enfrentaram o efeito do grande volume hídrico acumulado em quase todas as regiões do Estado, com destaque para as regiões mais próximas do entorno metropolitano, o que, acabou atingindo muito mais pessoas, devido a grande densidade populacional dos centros urbanos atingidos.

**DOI:** <https://doi.org/10.62236/missoes.v12i2.485>

**ISSN:** 2447-0244

FIGURA 2: ENCHENTE PONTE DA INTEGRAÇÃO SÃO BORJA X SANTO TOMÉ (2023).



**Fonte:** V Seminário (Des)Fazendo Saberes Na Fronteira 2024.

Podemos traçar um comparativo entre o impacto de uma enchente, de um rio ou de outro, contudo, o comportamento do fluido obedece somente às leis da física e ocupa seu espaço através da geografia, dos contornos geológicos que moldam os territórios, e segue seu curso impelido pela força do volume acumulado, acelerada pela gravidade, a exemplo disso, podemos ter uma ideia do volume de água em uma enchente comparando duas fotos do rio Uruguai, que é um rio que apresenta alta drenagem e corre em declive em leito rochoso.

A primeira, figura 1, representa o leito do rio Uruguai na seca de 2020 com a ponte Internacional da Integração ao fundo; a segunda, figura 2, apresenta a mesma ponte durante as cheias de 2023, estas duas imagens dá-nos a ideia do volume de água envolvendo o rio, opostos, do momento em que se poderia atravessar o rio a pé, até a ponte quase nos limite para ser interdita. As consequências de eventos hídricos como estes, impactam de maneira determinante a vida do rio e dos atores que vivem ao seu entorno.

Considerando que, o rio Uruguai está localizado em uma região com baixa densidade demográfica e que, devido a seu perfil agrícola, as cidades não possuem grande volume de estruturas fabris e urbanas, não percebemos de pronto os potenciais impactos deste rio transfronteiriço, contudo, ao estudá-lo com mais afinco, ele poderá nos fornecer a metáfora perfeita para estabelecermos uma nova metodologia de instância de planejamento estratégico territorial, o Planejamento Estratégico Territorial das Bacias Hidrográficas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como diz o senso comum, entre a língua e os dentes, qual tem a maior capacidade de adaptação? O senso comum diz que os dentes quebram porque são inflexíveis, e a língua se ajusta precisamente por ser flexível, podemos analisar a nossa relação com a natureza da mesma maneira, somos flexíveis ou não, um perante o outro? Qual é o mais apto a ser flexível, a natureza ou o homem? São perguntas que vêm sendo postas a prova com maior vigor atualmente, em virtude das mudanças climáticas que estão ocorrendo, precisamos nos ajustar ou ajustar a natureza? O que é mais viável?

Obviamente, o homem, ao classificar a si próprio como ser racional, tem plenas condições de estabelecer uma postura flexível perante os cenários que lhe são impostos pelo ambiente, ainda mais porque parte destas mudanças são efeitos da atividade humana no planeta, contudo, aparentemente, quando o assunto é natureza, parece que temos uma dificuldade para uma adaptação que não envolva o uso econômico do ambiente. Parte da emergência climática tem a ver com o uso dos recursos, não mais apenas o extrativismo, mas principalmente os rejeitos, detritos e subprodutos, dentre estes o plástico, que se avoluma em rios e nos oceanos, denunciando uma interação conflituosa e equivocada entre atores que convivem há milênios.

Do avanço desta relação conflituosa nasce a crise climática a qual estamos atrelados neste século, mas o que fazer então? Quais serão as estratégias dos homens contemporâneos para equilibrar estas relações? Evadir-se do planeta? Ou quem sabe encontrar o equilíbrio?

Para Georg Simmel, associar-se e dissociar-se da natureza é um dos fatores que interferem na relação entre os homens, a cada ciclo de vida os humanos estabelecem união e cisão com elementos e criaturas que coabitam o planeta com ele, ou seja, escolhemos em que momento e em que medida nos associamos a outros atores, estabelecemos uma lógica de eliminação e multiplicação de relações ao bel-prazer humano:

Só ao homem é dado, diante da natureza, associar e dissociar, segundo o modo e a intensidade especial em que um supõe saber sobre o outro. Extraíndo dois objetos naturais do seu lugar para dizer que estão "separados", nós já os referimos um ao outro na nossa consciência, nós os destacamos juntos do que se intercalava entre eles. E inversamente lembramos daquilo que nós de uma certa maneira começamos por isolar respectivamente; é preciso primeiro que as coisas estejam umas fora das outras para estar em seguida umas com as outras. Seria absurdo, prática e logicamente voltar a unir o que não estava separado, ver o que, num sentido, não permanece separado. A fórmula segundo a qual se conjugam, nas operações humanas estas duas atividades - seria o estado de união ou de cisão que é percebido como naturalmente dado e o seu contrário a cada vez como tarefa que nos é fixada? - esta fórmula então, articula todo o nosso fazer. Num sentido imediato assim como simbólico, corporal e espiritual, a cada instante somos nós que separamos o que está ligado ou voltamos a unir o que está separado (Simmel, 1996, p. 10).

E aos demais atores, quem os representa nos debates sobre os elementos que irão compor as relações entre as partes? Quem fala pelo rio depois da enchente? Ou antes da seca? Não se trata no texto de estabelecer uma visão centrada nos atores não-humanos, trata-se de pretender a relações equânimes baseadas em metodologias de melhores práticas conservacionistas relacionadas a estes atores, em um cenário onde atores representam além de si mesmos, recursos finitos, ações com responsabilidade e planejamento é um mínimo esperado para equalizar as relações territoriais.

O contato do rio com os humanos, pode ser caracterizado em partes estabelecendo três analogias, o rio como elo, o rio como ponte e o rio como martírio; o rio pode ser elo que une as comunidades em torno de recursos em comum, e também pode ser ponte permitindo o deslocamento de pessoas e recursos sobre suas águas, mas também pode se tornar martírio com a ocorrência de cheias e secas, esta analogia reproduz em partes ao retrato atual da relação homem x rio, em alguns momentos onde o convívio com ele é tranquilo, ou não nos incomoda, ele é um meio, mas quando essa relação se abala como nas enchentes, ou nosso próprio despreparo para lidar com as enchentes e eventos relacionados. Como será que os antigos habitantes destas regiões se relacionavam com estes eventos? O conhecimento ancestral pode ser a chave para elencarmos metodologias de maior eficácia no manejo e ou adaptação aos eventos climáticos atuais.

Atualmente, quando rememoramos 400 anos da experiência Jesuítica na região, nos damos conta que, o pouco que conhecemos sobre o rio Uruguai e seu extenso território foram registrados e transmitidos pelos europeus e seus descendentes após o período de ocupação, assim, minimizamos a importância dos seres humanos que viviam, interagem e construíam relações com o rio Uruguai nos últimos milênios, não nos preocupamos com registros detalhados destas vivências.

Ao estabelecermos o período de 400 anos como marco civilizatório único para compreensão desta relação milenar, podemos estar perdendo contato com as formas mais instintivas de interação, é preciso (re)descobrir de maneira detalhada como estas populações ribeirinhas ancestrais viviam e se relacionavam com este grande ator regional, o rio Uruguai:

Venho de volta - e caminho, sedento de luz e paz, como um pássaro que traz calor - do primeiro ninho, tentando ver - se adivinho, o rumo inicial perdido, no canto recém-nascido que alarga o meu infinito, tropeando as notas de um grito de há muito tempo esquecido! O Deus que eu tinha - o meu Deus, pra o que chegou - não servia, às crenças da geografia fizeram que eu desse adeus; aos descampados - só meus tive de olhar mais de longe, rezar frente à cruz do monge, noutros rituais - noutras naves e - em vez do canto das aves, o som dos sinos de bronze![...] Renascimento. Intérprete: Jaime Caetano Brau. Porto Alegre: USA DISCOS, 1993 1 CD, faixa 10, (2m).

O trecho acima cantado pelo *payador*<sup>2</sup> ilustra de maneira sincera o ato do dominante frente ao dominado, do colonizador frente ao colonizado, o drama da tentativa de substituição forçada de culturas e práticas ancestrais, por novas epopeias, contudo, restam ainda elementos destas práticas ancestrais que estão imbricadas nas práticas de alguns grupos como os ribeirinhos, pescadores, agricultores familiares, *payadores* e outros grupos humanos que vivem próximos e inter-relacionados aos atores não-humanos, assim, o mínimo que podemos fazer, é rever nosso posicionamento frente a estas questões, que implicam na manutenção das condições de vida do meio ambiente e da civilização humana.

Assim, compreender as dinâmicas hídricas dos rios e suas relações com as demais espécies, principalmente com a nossa espécie, é parte fundamental e basilar para a compreensão das possibilidades de desenvolvimento territorial das regiões, a fim de não cometermos erros que impactem vidas de humanos e “não-humanos”, buscando formas de coabitar o planeta em conjunto à outras espécies.

Este texto busca provocar a reflexão sobre o estudo da bacia hidrográfica do rio Uruguai como base para um novo planejamento estratégico territorial, onde o recorte geográfico não seja pareado exclusivamente pelos contornos políticos dos territórios, mas também, e

---

<sup>2</sup> O pajador é o artista da pajada (payada), ou seja, um repentista. Pajada ou payada é uma forma de poesia improvisada vigente na Argentina, no Uruguai, no sul do Brasil e no Chile (onde chama-se paya). A pajada remonta os romances e quadras medievais e renascentistas, trazidos pelos povoadores europeus e adaptadas as temáticas campeiras. A Pajada está presente no sul da América desde quando as fronteiras eram imprecisas, o que impossibilita dar uma nacionalidade ao gênero artístico. No sul do Brasil, as pajadas são cantadas em versos em Décima Espinela, no estilo recitado com acompanhamento musical de um músico de apoio, normalmente em milonga. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pajada> acessado em: 25/12/2025.

principalmente pelo reconhecimento da importância da inclusão dos conhecimentos ancestrais presentes na região hidrográfica do rio Uruguai, incluindo as bacias e sub-bacias, a montante e a jusante deste histórico rio no debate das agendas de desenvolvimento e de políticas públicas para o território.

## REFERÊNCIAS

Comité Intergubernamental Coordinador de Los Países de La Cuenca Del Plata (CIC), **Análisis Diagnóstico Transfronterizo de la Cuenca del Plata-ADT**. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires ; Estados Unidos : Organización de los Estados Americanos - OEA, 2017. Acesso: 22/04/2025. Disponível em: <https://cicplata.org/es/documentos-principales/>

Descola, P. **¿Humano, demasiado humano?**. Desacatos. Revista De Ciencias Sociales, (54), 16–27, 2017. <https://doi.org/10.29340/54.1737>

Mapa das enchentes no RS. Correio do Povo On-line. Acesso: 14/07/2024. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/cidades/mapa-mostracidades-que-devem-ser-mais-afetadas-por-enchentes-1.1489549>.

García, N. O.; VARGAS, W. M. **The spatial variability of runoff and precipitation in the Rio de la Plata basin**. Hydrological Sciences Journal, [s. l.], v. 46, n. 3, p. 279-299, 1996. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/02626669609491503>. Acesso em: 25 maio 2020.

Hartog, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**; 2 ed. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

Renascimento. Intérprete: Jaime Caetano Brau. Porto Alegre: USA DISCOS, 1993 1 CD, faixa 10, (2m).

Retamoso, Alex Sander Barcelos. **Fronteira , ponte e rio: limites e passagens para diferentes atores em São Borja**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10044> Acesso:20 fev. 2024.

Retamoso, Alex Sander Barcelos. **Atores “não-humanos” no contexto do desenvolvimento territorial: o caso do rio Uruguai**. Anais do V Seminário (Des-Fazendo) Saberes na Fronteira, 2024. Acessado em: 20/10/2025 Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/v-seminario-desfazendo-saberes -fronteira426178/>.

Retamoso, Alex Sander Barcelos, GONÇALVES, Ulisses Souza. **A dança das paisagens: Transformações e dinâmicas entre o Rio Uruguai, o Bairro do Passo em São Borja - BR e Santo Tomé -AR**, Confins [Online], 64 | 2024, Acessado em: 22/10/2025 Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5936>.